

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA  
FACULDADE AMADEUS - FAMA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**LETÍCIA DOS SANTOS**

**ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO AUTISTA MATRICULADO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

**Aracaju – SE  
2023**

**LETÍCIA DOS SANTOS**

**ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO AUTISTA MATRICULADO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

**Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina  
Métodos, Instrumentos e Ações de Pesquisa do  
Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus  
como parte do Trabalho de Conclusão de  
Curso.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Mestranda Josenilde  
Santos Feitosa**

**Aracaju – SE  
2023**



## Sistema de Biblioteca da Faculdade Amadeus - FAMA

---

S237e Santos, Letícia dos  
Estudo de caso de um aluno autista matriculado no ensino fundamental em processo de alfabetização / Letícia dos Santos ; orientação [de] Prof.ª Josenilde Santos Feitosa. – Aracaju : FAMA, 2023.

25 f.

Artigo científico apresentado como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia – Faculdade Amadeus

Inclui bibliografia.

1. Alfabetização. 2. Autismo. 3. Práticas pedagógicas. I. Feitosa, Josenilde Santos (orient.). II. Faculdade FAMA. III. Título.

---

CDU: 376:372.4

○

**ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO AUTISTA MATRICULADO  
NO ENSINO FUNDAMENTAL EM PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO**

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Prof. Mestre Williams dos Santos  
**Coordenador do Curso**

Prof.<sup>a</sup> Mestranda Josenilde Santos Feitosa  
**Orientadora**

Prof.<sup>a</sup> Msc. Carla Daniela Kohn  
**Avaliadora**

Prof.<sup>a</sup> Msc. Alda Valéria Melo de Carvalho  
**Avaliadora**

**Avaliação Final:** \_\_\_\_\_

**Aprovada em: Aracaju, 06/12/2023**

# ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO AUTISTA MATRICULADO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

\* Letícia dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

A aquisição das competências de leitura e escrita, para servirem como código de comunicação entre os membros de uma sociedade, constitui o processo de alfabetização. Assim, o trabalho intitulado “Estudo de caso de um aluno autista matriculado no ensino fundamental em processo de alfabetização” buscou responder às perguntas que nortearam a pesquisa: Como ocorre a alfabetização de alunos autistas no ensino regular do ensino fundamental? Quais práticas pedagógicas podem consolidar esse processo? E quais os desafios que atrapalham o processo de alfabetização na escola? O objetivo desta pesquisa é investigar como ocorre o processo de alfabetização de alunos autistas no ensino regular do ensino fundamental. Esta investigação abrange os seguintes objetivos específicos: apresentar o marco histórico do Transtorno do Espectro Autista; compreender como é realizada a alfabetização do aluno autista; verificar as práticas pedagógicas utilizadas no processo da alfabetização; E apresentar os desafios encontrados no processo de alfabetização do TEA. O trabalho realizado foi um estudo de caso, baseada na abordagem qualitativa e revisão bibliográfica. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com a professora e a psicopedagoga e observações com o aluno autista. A alfabetização é uma maneira de inclusão na sociedade, e é por essa razão que percebemos a importância do professor e da escola em buscar recursos que atendam às necessidades do aluno autista. Portanto, constatou que a observação é um fator importante para se iniciar um processo de alfabetização e a capacitação do profissional para isso é essencial.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Autismo. Práticas pedagógicas.

## ABSTRACT

The acquisition of reading and writing skills, to serve as a code of communication among members of society, constitutes the process of literacy. Thus, the work entitled whose theme “Case study of an autistic student enrolled in elementary school in the literacy process” sought to answer the questions that guided the research: How does the literacy of autistic students occur in regular elementary education? What pedagogical practices can consolidate this process? And what are the challenges that hinder the literacy process in school? The objective of this research is to investigate how the literacy process of autistic students occurs in regular elementary education. This investigation covers the following specific objectives: present the historical overview of Autism Spectrum Disorder; understanding how literacy is carried out for autistic students; verifying the pedagogical practices used in the literacy process; and

---

<sup>1</sup>Letícia dos Santos, graduada em Pedagogia. leticiamariasantos2019@gmail.com

presenting the challenges encountered in the literacy process of ASD. The work conducted was a case study, based on a qualitative approach and literature review. For data collection, interviews were conducted with the teacher and the educational psychologist, and observations were made with the autistic student. Literacy is a way of inclusion in society, and for this reason, we perceive the importance of the teacher and the school in seeking resources that meet the needs of autistic students. Therefore, it was found that observation is an important factor to start a literacy process and the training of the professional for this is essential.

**Key words:** Autism. Literacy. Pedagogical practices.

## 1 INTRODUÇÃO

Existem vários transtornos de aprendizagem e quando o aluno possui algum ter um ensino baseado no método tradicional pode dificultar o processo de aprendizagem do aluno. O ensino de um aluno neuroatípico<sup>2</sup> requer do profissional uma gama de conhecimentos sobre esses desafios que se apresentam em sala de aula, que muitas vezes não são aprofundados no período de formação acadêmica, demandando uma busca constante por novos conhecimentos.

É importante entender como é realizada a alfabetização dentro do espectro e como através do conhecimento o professor pode ajudar a consolidar o processo de ensino e aprendizagem. Tendo em vista a dificuldade que os profissionais de ensino têm com a alfabetização de crianças atípicas numa sala de aula de ensino regular usando a mesma metodologia de ensino.

Portanto, este trabalho buscou responder às perguntas que norteiam essa pesquisa. Como ocorre a alfabetização de crianças autistas no ensino regular do ensino fundamental? Quais práticas pedagógicas podem consolidar esse processo? E quais os desafios que atrapalham o processo de alfabetização na escola?

A pesquisa tem por objetivo geral investigar como ocorre o processo de alfabetização de alunos autistas no ensino regular do ensino fundamental. Permeado pelos objetivos específicos: Apresentar o marco histórico do Transtorno do Espectro Autista; compreender como é realizada a alfabetização do aluno autista; verificar as práticas

---

<sup>2</sup> é usado para falar de pessoas que apresentam alguma alteração no funcionamento cognitivo, neurológico ou comportamental. Fonte: <https://genialcare.com.br/blog/medico-disse-que-meu-filho-e-atipico-o-que-isso-quer-dizer/>

pedagógicas utilizadas no processo da alfabetização; E apresentar os desafios encontrados no processo de alfabetização do TEA.

O trabalho desenvolvido tratou-se de um estudo de caso ancorado por Gil (2007), de cunho qualitativo e revisão bibliográfica, que fundamentou o referencial teórico e a discussão levantada acerca da alfabetização do aluno autista, mediante artigos, livros e a ferramenta Google acadêmico. Por meio de entrevista e observações foi feita a coleta de dados. A entrevista foi realizada com a professora titular a fim de se obter sua percepção ao que se propõe a pesquisa e conhecer a sua atuação em sala dentro dessa mesma perspectiva. Já as observações foram importantes para detectar a rotina da sala de aula, assim como também as práticas pedagógicas e o aluno em específico.

Os autores que conduzem o aporte teórico são Cunha (2017) e (2020) que relata sobre o autismo, suas características e importância do diagnóstico para o sujeito, Ferreira (2011) que trata sobre o processo de alfabetização e Melo e Soares (2021) que destaca os desafios do processo da alfabetização.

O trabalho está dividido em quatro partes: introdução, metodologia, resultados e discussões e considerações finais. Sendo o referencial teórico dividido em três tópicos: marco histórico do Transtorno do Espectro Autista; Processo de alfabetização com alunos do Transtorno do Espectro Autista; e Práticas pedagógicas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem

## **2 Marco histórico do Transtorno do Espectro Autista**

O Transtorno do Espectro Autista é um dos temas mais debatidos e estudados no Brasil há anos devido ao crescente número de diagnósticos. Mas também pela dificuldade em diagnosticar com precisão a presença de tantas outras condições, sendo assim, Cunha (2017) embasará a discussão sobre o quadro histórico do autismo destacando a importância do diagnóstico.

O Transtorno Do Espectro Autista (TEA) vem ganhando uma notoriedade nos últimos anos devido as suas especificidades. É definido como “um transtorno do neurodesenvolvimento<sup>3</sup> caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e

---

<sup>3</sup>o desenvolvimento do sistema nervoso, o que inclui as partes motora e sensorial; a comunicação; a linguagem; comportamentos e emoções. Fonte: <https://cl clinicapsf.com.br/2022/11/12/o-que-e-neurodesenvolvimento-seu-filho-esta-dentro-do-esperado/>.

atividades” (Associação Americana de Psiquiatria [APA] junto de. FINATTO e SCHMIDT, 2021, p.2).

O termo autismo tem sua origem do grego *autós* que tem por significado “de si”. Este termo foi primeiramente nomeado por um psiquiatra suíço no ano de 1911, chamado Eugen Bleuler “que buscava descrever a fuga da realidade e o retardamento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia” (CUNHA, 2017, p. 10).

Entretanto, o desejo de compreender o novo distúrbio que a princípio era desconhecido ganhou mais interesse anos depois através do psiquiatra austríaco Leo Kanner, foi ele que realizou as primeiras pesquisas e também as primeiras publicações acerca do assunto. Ele “constatou uma nova síndrome na psiquiatria infantil denominada de distúrbio artístico do contato afetivo” (CUNHA, 2017, p.11).

Ao longo dos anos muitos estudiosos começaram a se interessarem pelo autismo, que não tinha ainda esse nome, e buscavam entender sobre o transtorno e através dessas pesquisas foram consolidando muitos dos conhecimentos que temos hoje sobre o autismo, seu nível de comprometimento e formas de trabalhar com suas especificidades, que atualmente buscam a autonomia do sujeito autista. Por isso, “o entendimento preciso dos contextos comportamentais demandará permanente vigilância, sensibilidade e perseverança do educador” (CUNHA, 2017, p.30).

No Brasil, o autismo, segundo Andrade (2019) começou a ser discutido em meados da década de 1950 com os avanços da psiquiatria infantil que surgiu devido aos estudos do Psiquiatra Leo Kanner (1943). E também as primeiras publicações sobre esse assunto vinham de publicações de outros países, como Estados Unidos, para alguns conhecedores da época. Só então, em 1954 surgiu a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) cujo objetivo era promover o bem-estar e desenvolvimento cognitivo de famílias no país.

Segundo dados do IBGE (2022), estima-se que no Brasil tenha cerca de 2 milhões de autistas diagnosticados, sendo 1 a cada 44 crianças portadores do espectro autista. Porém, ainda se encontra muitas crianças sem um diagnóstico fechado que futuramente pode gerar um aumento deste total. Devido à manifestação do espectro não possuir padrões fixos, ele pode até ser quase imperceptível em algumas crianças, tornando difícil a conclusão do diagnóstico.

Sobretudo, percebe-se que cada criança reage de forma diferente ao espectro, porém na maioria delas algumas características são bem visíveis, como dificuldade na comunicação, falta de interação social, padrões repetitivos, interesses específicos, gostam de

rotina bem estabelecida, estabelece pouco ou nenhum contato visual com outras pessoas. Essas são algumas características que apresentadas juntas podem ajudar a identificar o transtorno, ressaltando que essas singularidades aparecem em conjunto e não isoladas. (Santos; Santos; Santana, 2016).

O diagnóstico precoce do transtorno para aprendizagem e socialização dessa criança é muito importante, pois pode melhorar a qualidade de vida e a autonomia da mesma a partir do entendimento de suas dificuldades, como destaca Melo E Soares (2021).

O autismo tem diferentes níveis de gravidade e está relacionado com outros sintomas que começam na infância. Há casos severos de alteração comportamental, mas é absolutamente certo que o diagnóstico precoce, o tratamento especializado e a educação adequada propiciam mais independência e melhoram a qualidade de vida em qualquer nível do autismo, tornando a interação entre escola e família altamente relevante (CUNHA, 2015, p.12 apud. MELO; SOARES, 2021, p.64).

Atualmente, o autismo tem uma evolução na classificação, facilitando o diagnóstico e o estudo desse transtorno. Por isso, este foi ordenado em grupo conforme as características apresentadas e o nível de comprometimento aparente no indivíduo. Sua classificação se dá em três níveis diferentes relacionados à gravidade do caso como define o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) (FERNANDES, et. al. 2020, p. 04):

a) Nível I – na ausência de apoio, há prejuízo social notável, dificuldades para iniciar interações, por vezes parecem apresentar um interesse reduzido por estas, há tentativas malsucedidas no contato social, além da dificuldade de organização, planejamento e certa inflexibilidade de comportamentos;

b) Nível II – exigem apoio substancial, havendo prejuízos sociais aparentes, limitações para iniciar e manter interações, inflexibilidade de comportamento e dificuldade para lidar com mudanças;

c) Nível III – exige muito apoio substancial, havendo déficits graves nas habilidades de comunicação social, inflexibilidade de comportamento e extrema dificuldade com mudanças.

Por isso, o nível de comprometimento é essencial para diagnosticar de forma precisa o paciente. Além desses níveis, o autismo tem outra classificação importante que é o CID-11 que é uma revisão da Classificação Internacional de Doenças, antigo Cid-10, usado para indicar o grupo de transtorno que “considera, de forma mais clara, a deficiência intelectual e a linguagem funcional, e os diferentes diagnósticos são enquadrados em função

do nível de prejuízos nestas habilidades cognitivas” que agrupa o autismo em subgrupos segundo as características apresentada pelo sujeito. (FERNANDES, *et. al.* 2020, p. 04).

Contudo, o diagnóstico só trará bons resultados ao paciente/aluno por facilitar a compreender quais as necessidades que o indivíduo necessita para desenvolver tanto as áreas de conhecimento como as de socialização e se por ventura precisar de alguma medicação para regulamentar suas estereotipias, com o laudo médico é possível.

## **2.1 Processos de alfabetização com alunos do Transtorno do Espectro Autista**

Nesse tópico será discutido como se dá o processo de alfabetização do aluno autista através das práticas pedagógicas na escola. Sua discussão está ancorados em Cunha (2017) e Ferreiros (2011), que ressaltam o foco na alfabetização, os desafios encontrados e os métodos utilizados para alcançá-la.

O aluno com autismo, dependendo do nível de comprometimento neurológico, não tem o mesmo ritmo de aquisição de outros alunos na mesma faixa etária dita como neuro típicos<sup>4</sup>. Portanto, requer um planejamento que se adéque a seu tipo de dificuldade, partindo de novas metodologias e recursos específicos para contribuir no processo de alfabetização.

Cunha (2017) ressalta que o ambiente exterior é uma fonte de estimulação para o processo de aprendizagem. É na relação que se tem com o mundo exterior que a criança aprende os nomes de objetos e passam a utilizá-los de forma funcional ou até mesmo em forma de brincadeiras. Pois toda informação obtida torna-se conhecimento.

Entretanto, no caso do aluno autista isso é diferente, já que suas funções cognitivas, sociais podem estar prejudicadas. Na maioria das vezes não conseguem aprender da mesma forma que a criança considerada neurotípica. Sendo assim, para um ensino e aprendizagem significativa e eficiente não é somente ter conhecimentos de métodos extraordinários, mas conhecer primeiramente o perfil do aluno.

Conhecer sobre o autismo e suas características irá ajudar ao professor além de entender as dificuldades desse aluno que difere de outros alunos, se aprofundando em estratégias e metodologias que auxiliemno desenvolvimento partindo das suas dificuldades e limitações. Sendo assim, é indispensável à avaliação situacional para que o professor possa compreender como o autista assimila a aprendizagem e, dessa forma, ensiná-lo. (CUNHA, 2017).

---

<sup>4</sup>é um termo usado para descrever indivíduos com desenvolvimento ou funcionamento neurológico típico. Fonte: <https://genialcare.com.br/blog/medico-disse-que-meu-filho-e-atipico-o-que-isso-quer-dizer/>.

Quando falamos de alfabetização estamos nos referindo ao processo que visa à aprendizagem da leitura, escrita e interpretação do sistema alfabético (Ferreiro, 2011). Ela prioriza o desenvolvimento de habilidades necessárias para serem desenvolvidas em todo o indivíduo, sejam crianças neurotípicas ou neuroatípicas, que vem por antecipação à leitura e escrita.

Ferreiro (2011) afirma que a alfabetização a princípio é a relação do método com a maturidade da criança a ser desenvolvida. Contudo, para a criança autista exigirá um planejamento bem estruturado para o processo de alfabetização que poderá partir de princípios da alfabetização comum fazendo alteração para a criança que possui o transtorno.

Portanto, muitas vezes os professores interpretam erroneamente esse processo de leitura e escrita como algo técnico ou ensinam da mesma forma que aprenderam na escola. No entanto, vemos que não é assim, segundo o RCNEI: “A criança aprende o conhecimento interagindo com os outros e com o meio em que vive” (BRASIL, 1998, p. 22). Resultado de muito esforço para criar, significar e ressignificar. Dessa forma, a alfabetização deve começar com a interação com os outros para a construção do conhecimento, pois a criança precisa construir seu conhecimento de forma significativa e entender o que sabe.

Fazer uso de atividades multissensoriais promove a interação desse aluno de forma lúdica, tornando a aprendizagem mais significativa, possibilitando a acionar várias áreas que estão adormecidas e precisam ser trabalhadas do aluno autista. Contudo, todo o processo de alfabetização deve levar em conta os interesses de qualquer criança e no caso do aluno autista esse fator é imprescindível. O afeto também possui um papel importante, pois possibilita ao professor criar um vínculo com o aluno. É por meio dessa conexão que uma série de etapas preparatórias pode ser realizada para que as crianças compreendam a essência do nosso sistema de escrita alfabética e possam participar do processo de alfabetização (Ferreiro, 2011).

Como afirma Oliveira; Barbosa (2018, p. 5) “o afeto é uma ferramenta pedagógica essencial para o professor encontrar recursos necessários para trabalhar as dificuldades encontradas no seu aluno”, pois é por meio da aproximação com o aluno que você terá uma percepção do que trabalhar e de que forma inserir isso no contexto de ensino e aprendizagem da criança nos primeiros anos da vida escolar.

A inclusão e educação da criança autista é considerada importante pelo Artigo 1º da Constituição Federal 208 artigo III, pois estabelece que “a educação se realiza mediante a garantia de apoio educacional profissional às pessoas com deficiência, preferencialmente no âmbito da rede geral de ensino”, e assim estipula que o sujeito autista faça parte do ambiente

escolar e desenvolva habilidades pelo meio da interação social e desenvolve a fim de consolidar o que foi aprendido.

Deixando evidente e assegurado por lei que a escola, assim como a família e a sociedade, tem um papel importante ao que se refere à aprendizagem e ao desenvolvimento social do aluno com TEA. Juntos, precisam promover aspectos que contribuam com o desenvolvimento do aluno de modo integral.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) vem tratar da garantia de aprendizagem de todas as crianças em seu art. 32, o Ensino Fundamental Obrigatório “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” mesmo para alunos com alguma deficiência (BRASIL, 1996).

Além disso, nessa etapa de educação é essencial o uso do lúdico, como a brincadeira no processo da alfabetização. Brincadeiras desenvolvidas com intencionalidade pedagógica auxiliarão no desenvolvimento de forma leve, prazerosa e divertida. Como afirma Cunha (2017) a criança aprende por meio das brincadeiras, pois seu conhecimento se constrói por meio da experiência vivida.

O que muitas vezes dificulta esse processo de alfabetizar já no início da vida escolar é a ideia de que a educação infantil não tem capacidade cognitiva para compreender como é constituída a linguagem oral e escrita. Todavia isso não é certo, a criança aprende sim durante a Educação Infantil e esse processo se consolida no Ensino fundamental como destaca a BNCC (Base Nacional Comum Curricular):

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BRASIL, 2018, p.59).

É através das habilidades de compreender e decodificar o sistema alfabético que a criança é inserida em várias práticas sociais no contexto atual. Portanto, cabe o professor com a escola desenvolver a forma de inserir a criança autista no processo de alfabetização buscando recursos que se ajustem as necessidades que este possui e de forma clara para que ela possa compreender para garantir que este aluno tenha um ensino e aprendizagem adequada conforme a lei prever, não só a ele, como as outras crianças neurotípicas, mas que não tenha uma exclusão desse aluno do convívio da turma.

## 2.2 Práticas Pedagógicas Utilizadas No Processo De Ensino e Aprendizagem

Nesse tópico iremos ver algumas práticas pedagógicas. Para embasar essa discussão iremos utilizar Melo; Soares (2021) e Cunha (2017 e 2020) para ressaltar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores na sala de aula.

Melo; Soares (2021, p.68) afirma que “O professor deve conhecer o aluno, identificar suas habilidades e dificuldades como foco inicial. O processo de confiança e diálogo com esses alunos é primordial para a condução e interação do trabalho pedagógico”. Para iniciar o processo de alfabetização é necessário ter informações acerca do aluno e qual a característica que predomina no espectro, além de ter a confiança dele adquirida através da afetividade, para a partir daí montar um programa estruturado de alfabetização.

“Ser afetivo é utilizar o campo emocional como um eficaz e real instrumento pedagógico, mediando a aprendizagem, trabalhando a memória e a cognição. é trazer para o exercício pedagógico o interesse e o amor dos atores da escola” (MELO; SOARES, 2021).

Leva em consideração que a “observação é extremamente relevante na avaliação do grau de autismo” (CUNHA, 2017, p. 18) e no direcionamento que o professor terá para desenvolver um planejamento também são aspectos importantes para conduzir as etapas da elaboração do planejamento. Somente depois dessa observação e análise criteriosa é que será desenvolvido a forma e recursos utilizados para garantir uma alfabetização. Vale ainda ressaltar que não existe mais uma avaliação de autista por grau e sim por níveis conforme a atualização do DSM-V.

Percebe-se que algumas escolas adotam o método da consciência fonológica ensinando a partir do som das letras usado na formação de palavras e posteriormente na turma de Ensino fundamental, dando a criança uma forma de assimilação mais eficiente para o cognitivo dela. Entretanto, esse método pode não se apresentar eficiente para o aluno autista por alguns terem dificuldade em compreender e organizar a linguagem. Isso porque a linguagem para ele demanda “a abstração e a codificação e, por isso, ela se torna extremamente desprovida de símbolo no universo autístico” (CUNHA, 2017, p.41). Dessa forma, compreende-se que encontrar o método adequado para o aluno será uma das primeiras etapas desse procedimento.

Na maioria das vezes essa criança precisa da utilização de recursos visuais, concretos ou auditivos para sua aprendizagem. Trabalhando também a estimulação sensorial e motora durante o processo de alfabetização. A utilização desses recursos contribui com o processo da leitura e escrita, isso porque auxiliará na identificação de uma determina letra,

conheça o seu traçado, relacione com imagens ou objeto escrito com essa letra, escute a pronúncia das letras de forma clara, etc. (JUNG, 2012).

O aluno autista requer um olhar mais objetivo quando se trata de uso de recursos, como afirma Melo; Soares (2021):

O uso de materiais que possibilitam o contato com diferentes formas de superfícies, profundidades, larguras, altura, peso e entre outras, propiciam aos autistas experimentos de sensações e texturas outras, assim como a contribuição para a redução da ansiedade. (MELO; SOARES, 2021, p.68).

No entanto, para se ter uma boa prática pedagógica dentro da sala de aula, exige do professor conhecimento sobre esses tipos de dificuldades e que sempre se aprimore na busca de recursos que ajude no ensino e aprendizagem dos alunos, seja alunos neuro típicos ou que possuam algum transtorno específico.

Na maioria das escolas do Brasil vemos que é predominante o uso do método tradicional no ensino da decodificação do alfabeto, partindo da aprendizagem das letras do alfabeto, depois a sílaba e posteriormente o uso de palavras, ou seja, o ensino feito em parte pequeno para o todo. Com uso de repetições para fazer com que a criança memorize a letra, porém não garante que a criança aprenda a sua funcionalidade, sendo “o ensino de repetições, o mais criticado por não auxiliar em nada na aquisição da aprendizagem” (AVILA, 2016, p. 3).

Dessa forma pode não funcionar com o autista por não ser uma forma que vai atrair a atenção e será um processo cansativo e desinteressante para ele. Muitas vezes a falta de preparação e conhecimento do professor invés de ajudar acaba comprometendo o processo de aprendizagem dessa criança. Como destaca Cunha (2017) o professor deve conhecer seu aluno, os interesses, conhecer as estereotípias que apresenta e assim compreender de que forma podemos usar esse conhecimento a favor do ensino e aprendizagem.

O autor também salienta sobre o uso de produções artísticas que estimule a atenção dessa criança e promova a satisfação no processo de aprendizagem. Pois se não houver o conhecimento destas estereotípias, o professor por meio de práticas comum pode acabar levando “o indivíduo priva-se das experiências motoras maturativas, ocasionando regressão e o bloqueio de habilidades” (CUNHA, 2020, p.12).

Assim, entende-se a importância de conhecer o diagnóstico por parte do professor e também da escola. Dessa forma, hoje se falam muito sobre o método TEACCH e o ABA para desenvolver esse processo de ensino e aprendizagem de forma mais direcionada e objetiva. O método TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com

distúrbios correlatos da comunicação) visa criar um ambiente adaptado para a criança autista para compreender as respostas que se espera dele.

O método TEACCH consiste em:

utilizar avaliações, levando em conta os pontos fortes e as maiores dificuldades do indivíduo, em um programa individual. É um método que pode articular o ensino escolar e familiar por meio dessas atividades lúdicas que buscam a independência para realizar atividades da vida diária. (MELO; SOARES, 2021, p. 67)

A técnica busca desenvolver atividades que visa utilização e materiais diversos para criar uma aquisição com significado, trabalhando recursos visuais para desenvolver habilidades específicas que por outros métodos não são atingidas. Dessa maneira, “projeta condições para a constituição e desenvolvimento de distintas habilidades no que concerne a autonomia e a vida cotidiana” (CUNHA, 2020, p.88).

Outra técnica que vem ser discutido é a ABA (Análise Aplicada ao Comportamento) que consiste em estudar o comportamento da criança, suas interações com o ambiente e com as pessoas que a cerca. Traçando estratégias e formas de corrigir o comportamento ou utilizá-lo de forma direcionada para uma atividade específica (MELO; SOARES, 2021).

Como, por exemplo, o aluno autista tem um padrão organizado, segundo característica do seu transtorno, partindo disso o professor cria atividades que organize objetos por cores, tamanhos ou outra categoria e desenvolva através disso uma aquisição, além de trabalhar a parte motora e atenção do aluno. Dessa forma, “ela passa a generalizar o conhecimento, mediante classificação, a nomeação e percepção das semelhanças e diferenças, visual e tátil” nas atividades (CUNHA, 2020, p.120).

É importante ressaltar que a ABA não é realizada na escola e nem é aplicada por um professor e sim por um profissional qualificado e certificado, entretanto esse atendimento ajudará no desenvolvimento do aluno.

Portanto, para uma boa e eficiente prática pedagógica devemos levar em consideração vários fatores, desde a estruturação do ambiente pedagógico que busque ser mais atraente e lúdico como também o processo da alfabetização, levar em consideração a relação professor e aluno que irá ajudar a traçar estratégias, sua interação com os outros colegas, e a busca constante do profissional de ensino por estratégias para se trabalhar em meio às adversidades, que possa garantir o desenvolvimento e progresso deste apesar da dificuldade do aluno nessa etapa de ensino.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Universo da Pesquisa**

Para o estudo foram inicialmente feitas observações com o propósito de conhecer o ambiente escolar, a rotina da turma, os alunos e o sujeito da pesquisa, José de 7 anos, estudante do 1º ano Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual localizada na cidade de Aracaju. Trata-se de uma unidade de ensino público que oferta ensino Fundamental dos anos iniciais do 1º ao 5º ano. Os nomes citados a seguir são fictícios para manter sua integridade. A instituição conta em sua equipe diretiva, a diretora Rosa Silva, graduada em Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia, Especialização em Educação e Mestrado em Ciências da Educação. A coordenadora Ana Lúcia Andrade, graduada em Pedagogia e Especialização em Gestão Escolar; e o secretário Evilano Freitas, formado em Direito. A escola ainda conta com 1 auxiliar administrativo, 1 secretário, 2 merendeiras, 7 serviços gerais, 18 professores de educação básica. A instituição conta com 223 alunos, sendo 131 pela manhã e 92 no período da tarde.

A escola possui em sua estrutura 6 salas de aula, sendo 4 com acessibilidade, 2 salas administrativas, 1 cozinha, 1 banheiro masculino e 1 banheiro feminino, 2 banheiros para funcionários, 1 banheiro com acessibilidade, 1 biblioteca, 1 área de recreação, 1 pátio, 1 gibiteca. Também possuem um jardim em torno da própria instituição e um parquinho no mesmo local.

#### **3.2 Caracterização do sujeito da pesquisa**

O aluno José está matriculado no 1º ano do Ensino Fundamental, mas não está alfabetizado, possui um Apoio Escolar<sup>2</sup>. Seu diagnóstico é autismo nível 1, desvio da visão e deficiência intelectual. Apresenta coordenação motora fina comprometida, não ler e somente escreve palavras simples com ajuda do Apoio 2. O Apoio 2 é o profissional que auxilia a conduzir o processo pedagógico, com ênfase nas necessidades de aprendizagem dos alunos com deficiência.

#### **3.3 Coletas De Dados**

Durante 5 dias foi observado o aluno para conhecer um pouco do transtorno e o desenvolvimento das atividades dentro da sala em uma turma regular. A turma é composta por 25 alunos, sendo 2 autistas com diagnóstico fechado e ambos possuem Apoio 2 dentro da sala de aula.

A aula começa às 7 horas manhã, porém o aluno observado chega 30 minutos depois. A rotina da turma começa com um canto de “Bom dia com alegria”, e depois recitação de vários poemas de Cecília Meireles como “A chácara do Chico bolacha”, “Leilão de Jardim”, entre outros. Em seguida é passado para resolução da atividade do livro com a turma, por meio da leitura, compreensão da atividade e escrita de palavras. José desenvolve a atividade com o Apoio 2 que adapta a atividade para ele, já que ele não acompanha no mesmo ritmo da turma. Depois é proposto atividade de pintura. Vale ressaltar que o aluno observado não gosta desse tipo de atividade.

O recreio começa às 9:30h, os alunos com deficiência são liberados às 9:15h, sendo norma da escola esse horário para eles, para garantir o conforto dele na hora do lanche. E ficam brincando até 10 h que é o horário de retorno à sala.

Normalmente, ao retornarem à sala de aula a regente faz uma contação de histórias (fábulas) proporcionando que todos participem do questionamento e ensinamento da fábula. E por fim, é agendada a atividade mandada para casa.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A professora entrevistada trabalha com alfabetização há 24 anos, com contato com crianças dentro do espectro autista há 4 anos. Já a psicopedagoga entrevistada, trabalha há 8 anos como Psicopedagoga e a 3 anos como pedagoga.

Ao ser questionado a respeito de qual o momento certo de iniciar a alfabetização e como deve ser feito, responde que:

**Professora:** Primeiro deve ser iniciado na família, ou seja, no seio familiar para depois ser direcionado à escola. Antes de iniciar a alfabetização na escola é necessário a observação e isso pode levar tempo. E seguida lê o relatório do aluno e as informações ali contidas e continuar o processo de observação para saber o que aquela criança gosta, qual o seu hiper foco. Para depois iniciar o processo de intervenção pedagógica partindo daquilo que ele gosta ou se interessa.

**Psicopedagoga:** A primeira coisa é a preparação social dessa criança, já que a criança terá contato com um ambiente diferente da casa dela e também com pessoas diferentes do círculo familiar. E essa criança pode se assustar a princípio com o lugar novo e vai rejeitar ficar na sala sentada e obedecer às regras e rotina básicas da escola, que é totalmente diferente do ambiente familiar. Lembrando que o foco principal não é aprender a ler e escrever e sim a comunicação dessa criança inicialmente.

Essa relação escola/família será de grande importância na alfabetização no ambiente escolar. Pode se identificar tanto na fala da professora quanto da pedagoga que a observação e

a investigação inicial são importantes para a inserção da criança na escola. Cunha (2020, p.54) ressalta que “a observação levará a conhecer o educando, suas qualidades e, também, limitações” como também seus interesses, anseios e desafios.

Ainda tratando do processo de socialização que o aluno autista precisa estar envolvido, a relação da família com a escola também é importante, sendo assim, garante informações que poderá auxiliar no desenvolvimento da criança. Quando perguntadas sobre a relação família/escola no desenvolvimento do aluno autista, responderam que:

**Professora:** A escola é parceira da família. A escola é o ambiente que com a família são responsáveis de educar a criança, mas instrui sobre essa responsabilidade que também é dos pais, que muitas vezes é transferida para a escola a responsabilidade total de educar. E essa relação contribui para o desenvolvimento não só dentro da escola como fora dela também.

**Psicopedagoga:** A comunidade escolar também é formada pelos pais dos alunos, então precisa dessa relação de troca com a escola, porque se os pais não arcam com o seu papel, isso pode prejudicar o processo de aprendizagem dentro da escola, mas é papel dos pais educarem e da escola ensinar. E muitas vezes a escola acaba assumindo o papel que não é dela.

Podemos observar nessas afirmações que a família é à base da inserção e desenvolvimento da criança na escola, a relação escola e família são primordiais na vida escolar desse aluno, pois é ela que trará as informações iniciais sobre a criança para escola fazer um bom levantamento de suas particularidades objetivando a aprendizagem, Cunha (apud.POLITY, 2001; 2017, p.90) ressalva que:

“à família e a Escola são corresponsáveis tanto pelos recursos que serão utilizados quanto pelos impasses que surgirão ao longo do caminho. Trata-se da construção de uma experiência compartilhada, na busca de alternativas de intervenção”

Ao questionar a professora e a psicopedagoga sobre o método trabalhado por ela para o aluno autista, responderam:

**Professora:** Método fônico. Porque é necessário primeiro ensinar o som das Letras e depois o nome da letra. Ensinar o nome das Letras é importante, mas o som é primordial, pois terá maior sentido à aprendizagem dessa criança e o cérebro assimila melhor a aprendizagem.

**Psicopedagoga:** O método TEACCH. Fazendo associação do nome com a imagem e utilidade disso, pois o autista na maioria das vezes aprende de forma visual e sempre de forma concreta. Nunca trabalhei com o método fônico, acredito que há um alto custo nos materiais para trabalhar com esse método, e é difícil para as instituições de ensino, e para algumas professoras que não tiveram essa formação na graduação e também por conta da sensibilidade auditiva dessa criança que muitas vezes não vai estar atenta a sua fala, então o melhor método seria o método com estímulos visuais.

Percebe-se que há uma discordância na fala da Professora com a da Psicopedagoga a respeito do Método Fônico como sendo o melhor para ensinar a criança autista. Contudo, um único método não define a eficácia da aprendizagem. Ferreiro (2011) afirma que a alfabetização é a “relação entre o método utilizado com o estado de "maturidade" ou de “prontidão” da criança”. Para existir um desenvolvimento da criança autista, é necessário buscar um método que possa ter efeito com o aluno, pois, sabemos que nenhum método é 100% eficaz na aprendizagem e não garante que todos aprendam utilizando igualmente o mesmo método, mas ir testando o que pode ser adequado ao aluno e sua especificidade pode se tornar um caminho mais produtivo.

Ao serem questionadas se o método e recursos utilizados por elas funcionariam para qualquer criança, seja autista ou não, responderam:

**Professora:** Sim. Utilizo os mesmo recursos e métodos com a turma, porém faço algumas adaptações quando necessário independente da necessidade da criança.

**Psicopedagoga:** Não. Porque cada criança tem sua forma de aprender, por exemplo, uma criança típica ela já vem com os conhecimentos de casa e para a criança atípica não, é necessário recursos elaborados e específicos para sua capacidade.

Podemos notar que há divergência de opiniões no quesito recurso e métodos a serem adotados para o autista, porém percebe-se que há necessidade de elaborar recursos adequados para explorar a capacidade do aluno. Pois a aprendizagem desse aluno é mais lenta e necessita de uma exploração criativa e significativa que garanta esse sucesso. Por isso, “ao conhecer seus alunos e suas características, o professor pode pensar e elaborar procedimentos e técnicas de desenvolvimentos de habilidades para o êxito da prática educativa” (MELO; SOARES, 2021, p.74) contribuindo tanto para o desenvolvimento quanto para a autonomia desse indivíduo. Foi perguntado se a psicopedagoga dentro da sala de aula contribui para o desenvolvimento da criança autista e elas responderam:

**Professora:** É imprescindível. Pois ela é quem ajudará com orientação para a adaptação do currículo para aquela criança, estando ao lado do professor nesse processo e com certeza refletirá na aprendizagem do aluno.

**Psicopedagoga:** Toda escola deveria ter esse apoio, pelo menos um psicopedagogo dentro da instituição, porque eles irão instruir como o profissional de ensino pode lidar com esses alunos autistas ou com qualquer outro tipo de deficiência. É essencial esse apoio profissional para o professor, pois o professor tem o conhecimento, mas não tem habilidade para trabalhar com a criança autista, ou seja, a experiência com a síndrome.

Percebe-se que mesmo divergindo em alguns aspectos a professora compreende como é essencial a presença de um psicopedagogo dentro da instituição de ensino, este não

visa somente estabelecer a teoria acerca do trabalho com o autista, mas “busca compreender como ocorre os processos de aquisição do saber e entender as possíveis dificuldades que o aluno encontra nesse processo” (CUNHA, 2017, p.104).

Foi perguntado como deve ser realizado planejamento de atividades para esse aluno e qual habilidade deve ser mais estimulada para garantir avanços no desenvolvimento, responderam:

**Professora:** Faço um planejamento único para trabalhar com toda a turma e depois passo para o apoio pedagógico que fará a adaptação adequada para o aluno atípico que ela acompanha. E a socialização seria a habilidade primordial. Que fortalece os laços entre o professor, aluno atípico e alunos típicos. Com o vínculo fortalecido a criança se sentirá interessada em ouvir e participar do processo de aprendizagem, ou seja, cativar o aluno é o essencial.

**Psicopedagoga:** O planejamento é diferenciado para esse aluno de acordo com seu desenvolvimento cognitivo e motor para captar o foco dessa criança para aprendizagem, sempre partindo do que a criança consegue desenvolver. E a habilidade mostra a diferença da casa e escola, que são diferentes ambientes, com regras distintas, sendo a escola um ambiente para aprender e estudar e que não é a casa dele. Na escola eles têm a capacidade de vivenciar, interagir com outras crianças, esse, desenvolver socialmente, possibilitando novos desafios fora do seio familiar.

Apesar de divergirem em algumas questões, ambas as respostas indicam que a socialização é uma habilidade crucial que as crianças devem desenvolver antes de começar o processo de alfabetização, pois “o processo de educar é ajudar a criança a tomar consciência de si, dos outros, da sociedade em que vive e também do seu papel dentro dela” (MELO; SOARES, 2021, p.73) que favorecem seu desenvolvimento e que deveria ser estimulada desde o ambiente familiar.

Sobre a afetividade foi indagado se quando tratamos do papel da afetividade na relação professor com o sujeito autista contribui para seu desenvolvimento, responderam:

**Professora:** Sim. Com a criança típica temos essa relação afetiva, temos que ter sensibilidade, para uma criança atípica temos que ter mais ainda, não somente com ela, mas também com a família dessa criança que também sofre preconceitos dentro da sociedade, muitas vezes não tem assistência e acessibilidade que deveria ser ofertada pelo poder público. Uma criança bem tratada e amada se desenvolve melhor, ela tem prazer em aprender, ela cria a memórias afetivas.

**Psicopedagoga:** A afetividade é fundamental para poder ter esse laço de afeto que facilita a aprendizagem e o convívio social com os colegas de turma, mas também para que eles entendam que na escola é lugar para aprender e que não é a sua casa que tudo é permitido.

Afirmam que o afeto é importante nesse processo de adaptação para ser alfabetizado o aluno neuroatípico e não somente a ele, mas a todo aluno no ambiente escolar. Cunha (2020, p. 100) ressalta que “utilizar-se dos afetos naturais do aluno com autismo para educá-lo é canalizar suas emoções para o processo de aprendizagem” que a partir desse conhecimento essas emoções “deflagram mecanismos na memória que ajudam a conservação do aprendizado escolar” (Cunha, 2020, p.100). Dessa forma, propicia ao professor princípios que irão nortear as atividades a serem desenvolvidas com esse aluno.

A última pergunta foi, no ponto de vista do professor dentro de sala, quais ou qual seria o desafio que o pedagogo encontra dentro de sala de aula no processo de alfabetização em uma turma com alunos neurotípico e neuroatípico, responderam:

**Professora:** O maior desafio é a quantidade de alunos na turma, foi difícil fazer com que todos os alunos progredissem na aprendizagem e fica mais difícil quando não se tem apoio dentro da sala para ajudar com as crianças atípicas que requer mais atenção e adaptação nas atividades. E é essencial a capacitação do professor, se não se atualiza a respeito do seu ofício não deve estar em sala de aula, pois esse professor perde a oportunidade de vivenciar uma experiência incrível de consolidar uma prática prazerosa que é alfabetização, com os métodos mais lúdicos e prazerosos para seus alunos.

**Psicopedagoga:** A falta de capacitação profissional exigida pelo governo, sendo que eles não fornecem essa capacitação e nem material adequados para trabalhar com essas crianças. É necessário que o professor se capacite, porque a educação atual é inovadora, cada ano que passa surge novos desafios e o professor deve ser um eterno estudante, se ele não se capacitar para viver no mundo de hoje, ele vai ficar para trás numa era que é totalmente digital. E com tanto surgimento de transtornos, o qual exige novas habilidades por parte do professor.

Novamente percebe-se que ambas apontam para uma causa diferente da dificuldade para alfabetizar na sala de aula. Uma aponta a superlotação, mas há um encontro de opiniões a respeito da falta de capacitação do professor para atuar em sala. Como sugere Cunha (2020, p. 44) que há carências quanto a formação docente, pois é notório que há “fragmentação formativa, com diferentes abordagens em diferentes instâncias formadoras “o que dificulta o trabalho profissional, já a falta de capacitação é fragmentada e não condiz com as demandas atuais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização de alunos autistas representa um desafio para os professores contemporâneos. Portanto, por meio desta pesquisa, busco responder às perguntas norteadoras deste estudo. Foi percebido que a observação desempenha um papel crucial nesse processo de compreender o aluno e sua forma de adquirir conhecimento, sendo essencial para criar um

currículo que se adeque às suas necessidades. Antes de iniciar o processo de alfabetização, é necessário dedicar um tempo à observação desse aluno, à leitura do diagnóstico e aos interesses apresentados por essa criança.

Além disso, a obtenção de um diagnóstico precoce, a compreensão do autismo e do próprio aluno representa uma fonte de informações que auxiliará o professor no desenvolvimento de seu planejamento, levando em consideração as necessidades apresentadas pelo aluno. A alfabetização é uma maneira de inclusão na sociedade, e é por essa razão que percebemos a importância do professor e da escola em buscar recursos que atendam às necessidades desse aluno autista.

É evidente que não há um método de alfabetização infalível para o autista, mas sim a combinação de diferentes abordagens e adaptações conforme o perfil de cada aluno. Cada criança autista é única, não havendo uma manifestação do transtorno de forma uniforme. Além disso, cada aluno possui maneiras diversas de aprender. Portanto, o conhecimento e o diagnóstico do aluno são o primeiro passo no processo de alfabetização. No entanto, a aquisição da escrita e da leitura pode levar mais tempo do que o normal em comparação com crianças neurotípicas em um ambiente educacional regular.

As práticas pedagógicas desempenham um papel crucial no processo de alfabetização, porém, isoladamente, não obtêm resultados, como evidenciado nesta pesquisa. Entrar em um consenso em relação à forma como trabalhar os conteúdos é relevante para se obter um bom resultado, pois foi constatado que tanto a professora como a psicopedagoga divergem em vários aspectos.

O ambiente pedagógico também desempenha um papel essencial, pois deve despertar o interesse do aluno de maneira atrativa e lúdica. Além disso, a relação entre aluno e professor desempenha um papel decisivo no sucesso do processo de ensino. Sem esse vínculo afetivo e de troca, não é possível traçar estratégias que coloquem o aluno como protagonista.

Portanto, o objetivo inicial foi concebido, evidenciando que é fundamental que o profissional esteja sempre em busca de estratégias diante dos desafios do ambiente escolar e em concordância com os demais profissionais que compõem a equipe pedagógica, visto que existem desafios que prejudicam o processo de alfabetização e impedem que ocorra plenamente.

Além das dificuldades específicas encontradas ao trabalhar com alunos dentro do Espectro Autista, a falta de capacitação dos professores é uma barreira que impede o progresso. É nítido no cenário atual a falta de profissionais que esteja realmente pronto para

lidar com alunos autistas e recorrer à psicopedagoga, que procura dá o amparo para que se possa desenvolver a alfabetização desses alunos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marina S. R. **NEUROTÍPICO E NEURODIVERSIDADE**. 2021. Disponível em: <<https://institutoinclusaobrasil.com.br/neurotipico-e-neurodiversidade/>>. Acesso em: 24 novembro 2023.

ANDRADE, Walna Patrícia de Oliveira. **Histórias e memórias de práticas educacionais relacionadas às pessoas com autismo em Sergipe (1962-1993)**. Universidade Federal de Sergipe, programa de pós-graduação em Educação, mestrado em Educação, São Cristóvão, 2019. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12675/4/WALNA\\_PATRICIA\\_OLIVEIRA\\_ANDRADE.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12675/4/WALNA_PATRICIA_OLIVEIRA_ANDRADE.pdf) Acesso em: 29 maio 2023.

AVILA, Sibelly Khetrin Guedes. **Alfabetização pelo método fônico**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2016. Disponível em: <https://riut.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/20524> Acesso em: 14 junho 2023.

**BRASIL**. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versoafinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf) Acesso em: 29 outubro 2023.

**BRASIL**, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 23 maio 2023.

**BRASIL**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p.1-9, dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 29 maio 2023.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas na escola e na família**. Wak Editora, 7 ed. Rio de Janeiro. 2017.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2020.

FERREIRO, Emília, **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo: Cortez, v. 6, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5342947/mod\\_resource/content/1/Reflex%C3%B5es%20sobre%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5342947/mod_resource/content/1/Reflex%C3%B5es%20sobre%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20.pdf) Acesso em: 29 maio 2023.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. **Diagnostico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosologias**, Psicologia USP, 2020, volume 31, e 200027. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200027>. Acesso em: 18 maio 2023.

FINATTO, Mariele; SCHMIDT, Carlo. **Das práticas pedagógicas as práticas baseadas em evidências: uma revisão de literatura**. Universidade Federal de Santa Maria, Rio grande do Sul, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/MarieleFinatto/publication/357631895\\_Das\\_Praticas\\_Pedagogicas\\_as\\_Praticas\\_Baseadas\\_em\\_Evidencias\\_uma\\_revisao\\_da\\_literatura/links/61d70f51e669ee0f5c8ce971/Das-Praticas-PedagogicasasPraticasBaseadas-em-Evidencias-uma-revisao-da-literatura.pdf](https://www.researchgate.net/profile/MarieleFinatto/publication/357631895_Das_Praticas_Pedagogicas_as_Praticas_Baseadas_em_Evidencias_uma_revisao_da_literatura/links/61d70f51e669ee0f5c8ce971/Das-Praticas-PedagogicasasPraticasBaseadas-em-Evidencias-uma-revisao-da-literatura.pdf). Acesso em: 29 maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas S.A, 4ª Edição: São Paulo, 2002. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 18 maio 2023.

**IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Inclusão da pergunta sobre o Transtorno do Espectro Autista no Censo Demográfico 2022. Censo brasileiro de 2022. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em 13 de abril de 2023.

JUNG, Brigitte Klenz. **Fundamentos e metodologias da alfabetização e letramento / Brigitte Klenz Jung**. Indaial: Uniasselvi, 2012.

MELO, Sabrina Andrade; SOARES, Maria Elizabeth Alves Mesquita. **Processo de ensino e aprendizagem de autista: Estudo de Caso em Goiânia-GO**. Revista acadêmica Educação e cultura em debate. Goiânia, 2021. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/viewFile/678/451>. Acesso em: 14 junho 2023.

OLIVEIRA, Leny; BARBOSA, Zenilda. **Desafios do ensino aprendizagem da criança autista na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso de Curso de Pedagogia, da Faculdade Multivix Cariacica – ES, Espírito Santo, 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/desafios-do-ensino-aprendizagem-da-crianca-autista-na-educacao-infantil.pdf>. Acesso em 29 maio 2023

PBSF, C. **O que é neurodesenvolvimento: seu filho está dentro do esperado?** Disponível em: <https://clinicapbsf.com.br/2022/11/12/o-que-e-neurodesenvolvimento-seu-filho-esta-dentro-do-esperado/>. Acesso em: 24 novembro 2023.

SANTOS, Cristiane Fontes; SANTOS, Herica Carmen; SANTANA, Maria Jussara. **O processo de aprendizagem de crianças autistas**. 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

RISSATO, Heloise. **Médico disse que meu filho é atípico, o que isso quer dizer?** 2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/medico-disse-que-meu-filho-e-atipico-o-que-isso-quer-dizer/>. Acesso em: 24 novembro 2023.

## TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Letícia dos Santos, acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) Mestranda Josenilde Santos Feitosa, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO AUTISTA MATRICULADO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, empresta, troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju, SE, 06/ 12/2023.

*Letícia dos Santos*

---

Assinatura da aluna concluinte